

a intenção de despejar-se em algum vale, mas, alcançando o topo, descortinou simplesmente o abismo e compreendeu que o abismo significava a morte.

Então, aquele homem que tanto se torturara, fitou o céu, ajoelhou-se e, ante as feras que se aproximavam, clamou, confiante:

— Mestre, cumpram-se no escravo os designios do Senhor!

Nesse ponto da experiência, o discípulo, espangado, lobrigou tênue neblina, da qual, numa reduzida fração de minuto, emergiu o próprio Jesus, radiante e belo, que lhe disse, bondoso:

— Não temas! Estou aqui. A minha graça te basta.

Forte ventania soprou, célere, e os ferozes súrios recuaram assombrados.

O narrador fez demorada pausa e concluiu:

— Todos os seguidores do Senhor encontrarão adversários na senda de purificação... Quanto mais adiantado o curso em que se encontram, maior é o número de testemunhos e de lições, porque as dificuldades, obstáculos, perseguições e incompreensões são sempre feras simbólicas. Há discípulos que encontram um crocodilo por ano, outros recebem um crocodilo mensal ou semanal e muitos existem que são defrontados por uma romaria de crocodilos de hora em hora, dependendo as experiências do avanço levado a efeito... Nesses momentos preciosos e importantes, contudo, não vale qualquer recurso à proteção das forças exteriores, porque, na escola divina da ascensão, cada aprendiz deverá encontrar o socorro, a resposta ou a solução, dentro de si mesmo.

E antes que os jovens formulassem as novas indagações que lhes assomavam à boca, o velhinho ergueu-se, arrimou-se a humilde bordão, despediu-se e seguiu para a frente...

VI

O DOENTE GRAVE

Uma alma atormentada de Mãe, conduzida ao Céu, nas asas blandicidas do sono, esbarrou ante as resplandecentes visões do Paraíso.

Um anjo solícito recebeu-a no pôrtico.

— Anjo amigo — disse ela em voz suplice —, sou mãe na Terra e tenho dois filhos. Rogo para ambos as bênçãos de Deus, generosas e augustas.

O mensageiro anotou as petições e, observando-lhe o desvelo fraternal, a mulher aflita acrescentou, ansiosamente:

— Venho até aqui pedir, em particular, por um deles que, desde muito tempo, se encontra gravemente enfermo, entre a morte e a vida. Todo o meu carinho, todos os recursos médicos têm sido ineficazes. Não posso tolerar, por mais tempo, as lágrimas dolorosas que me afligem o coração. Digne-se o Todo-Poderoso, por vosso intermédio, conceder-me a graça de vê-lo restituído à saúde.

O emissário das Esferas Superiores pensou um instante e interrogou:

— Qual de teus dois filhos se encontra mais unido a Deus?

— Meu pobre filhinho doente — respondeu a recém-chegada —, pois que medita na grandeza do Pai Celeste, dia e noite. E' com o Seu nome que se submete aos remédios amargos e é esperando no Senhor que vê despontar cada aurora. No sofrimento que lhe desintegra as forças, dirige-se ao Céu com tamanho fervor que se lhe pressente, de maneira inequívoca, a ligação com o Pai Amoroso e Invisível.

— E o outro? — indagou o mensageiro divino.

— Esse — esclareceu a pedinte, um tanto confundida, qual se lhe fora impossível dissimular —, é um homem feliz nos negócios do mundo. Como é favorecido da sorte, parece não sentir necessidade de procurar o socorro da Providência Divina...

— Qual deles entende a sublime significação do trabalho? — interpelou o emissário novamente.

— O enfermo, atirado à imobilidade, guarda profunda compreensão, com respeito às virtudes excelsas do espírito de serviço. Refere-se, constantemente, aos bens do esforço e edifica quantos lhe ouvem a palavra, tocada de dolorosas experiências.

— E o outro?

— Talvez pelo gênero de vida a que se consagra deixou de ver as belezas da ação própria. Dispõe de muitos servidores, descansa nos trabalhos alheios. Não conhece o radioso convite da manhã, porque se levanta do leito demasiado tarde, nos hotéis de luxo, e permanece estranho às bênçãos da noite, de vez que o corpo, saciado em mesas opíparas e extravagantes, não lhe confere oportunidade de sentir as sugestões santificadoras da Natureza.

— Qual deles percebe o imperativo de confraternização com os homens, nossos irmãos? — tornou o mensageiro sorrindo, bondoso.

— O que está preso à enfermidade angustiosa recebe os amigos de qualquer posição social, com indisfarçável reconhecimento. Recolhe as expressões de carinho com lágrimas de alegria a lhe saltarem dos olhos. Emociona-se com a menor gentileza de que é objeto e parece deter, agora, um laço de amor forte e sincero, mesmo para com aqueles que, em outro tempo, lhe foram inimigos ou perseguidores.

— E o outro?

— Os favores do mundo — comentou nobremente a palavra maternal — isolam-lhe a personalidade, a distância dos júbilos domésticos, em rodas restritas e fantasiosas ou nas regiões elegantes, onde rolem fortunas iguais à dele. Assediado pelos

empenhos do mundo social, cujas ideias se modificam à feição do vento, nunca encontra tempo necessário para sondar os sentimentos afetivos dos companheiros que o Céu lhe enviou à senda comum.

O anjo atento passou a refletir, com grande interesse, e arguiu, de novo:

— Para qual deles rogas a bênção de Deus, em particular?

— Em favor do pobrezinho que agoniza no leito — informou a ternura materna.

O enviado da Providência fixou-a com extrema bondade e concluiu, com sabedoria:

— Volta à Terra e reconsidera as atitudes do teu carinho! O enfermo do corpo vai muito bem, já entende a necessidade de união com o Divino Pai e o que distingue, em verdade, os homens uns dos outros, é o grau de suas relações com a vida mais alta. Renova, pois, os votos de tuas preces ardentes, porque o doente grave é o outro.